



2.16 • Nacionalismos e separatismos

Lealdades e martírio: duas vantagens operacionais no Jihadismo

Felipe Pathé Duarte

HÁ VÁRIOS CONCEITOS de forte carga islâmica que marcam o jihadismo. A fundamentação religiosa para a violência ajuda a erodir críticas, legitimar e alicerçar determinadas ações táticas de grande impacto estratégico, como é o caso do terrorismo. Aludiremos apenas a três exemplos de elementos doutrinários religiosos que, pela sua efetividade operacional, desestabilizam estrategicamente o inimigo, sendo cruciais na ação jihadista. Para além do conceito de *jihad*, que ocupa uma parte central na justificação da ação armada, estes conceitos são frequentes nos discursos dos líderes jihadistas. Compreendê-los revela-se fundamental para ler a dimensão estrutural e operacional da *al-Qaeda* (e grupos associados), bem como do Estado Islâmico. Falamos então de *bay'at*, de *al-Wala wal-Bara*, e do conceito de *shabeed/istishbâd*.

Bay'at e al-Wala wal-Bara – juramentos e lealdades

Bay'at é uma espécie de comprometimento de obediência dado a um emir ou a um outro tipo de líder de um grupo islâmico. Para um jihadista este tipo de comprometimento é como se fosse feito com o Profeta - uma vez dado, não pode ser desfeito. A sua quebra reveste-se de um pecado gravíssimo, que é acrescido de uma possível declaração de apostasia (*takfir*). O cumprimento da *Bay'at* eleva um muçulmano a uma condição mais piedosa do que aquele que não a jurou.

Na verdade, os líderes do jihadismo, alegadamente, não têm autoridade para o fazer. De acordo com a ortodoxia, quando o fazem não lhes dão qualquer tipo de carga religiosa. Contudo, a ligação e o sentimento de devoção extravasam a condição terrena. É sobre este conceito que se estrutura a aliança e a afiliação em torno das estruturas do jihadismo global. Isto é, a “cola” religiosa das diversas extensões do jihadismo global reside na aplicação da *Bayat*. Em 2006, por exemplo, o *Groupe Salafiste pour la Prédication et le Combat*, génese da *al-Qaeda* do Magrebe islâmico, alia-se formalmente à organização liderada por Bin Laden. Na declaração formal dizem: «*Decidimos jurar bay'at ao sheikh Osama Bin Laden, para continuar a nossa jihad na Argélia como soldados sob seu comando, para ele nos utilizar pela causa de Deus quando e onde bem entender...*»¹

Um outro conceito a ter em conta é o de *al-Wala wal-Bara*, ou amor e inimizade em nome de Alá. Este é um dos conceitos basilares na sistematização ideológica do jihadismo. É o chão religioso que justifica a mundividência maniqueísta. A inimizade total e a retórica do “nós” contra “eles” tem como referente este conceito que categoriza a humanidade entre amigos e inimigos, ou entre o bem e o mal. A primeira parte da expressão, *al-Wala*, traduzida do árabe, significa literalmente lealdade ou

aliança. Alude àqueles que são leais, que agem e sentem de acordo com determinada percepção religiosa. Para os jihadistas tem a ver com a forma como os muçulmanos deverão agir com aqueles que acreditam e professam verdadeiramente o Islão. Esses, os “amigos”, deverão ser amados e abraçados com lealdade.

A outra parte da expressão, *al-Bara*, que significa renegação ou repúdio, refere-se àqueles sobre os quais se tem, e deverá ter, inimizade. É a rejeição e renúncia dos que não agem de acordo com a *Sharia* e que, como tal, desagradam a Alá.

Os não-crentes são encarados como inimigos, mesmo que sejam familiares de sangue. Aqueles muçulmanos que rejeitam os preceitos religiosos partilhados pelos jihadistas são repudiados, e não deverão ter qualquer tipo de interação com os “verdadeiros” muçulmanos.

Para os jihadistas esta distinção é a base do relacionamento entre um muçulmano e um não-muçulmano, e entre um “verdadeiro” muçulmano e um “falso” muçulmano (o que não bebe dos preceitos jihadistas). Note-se que há muitos versículos corânicos a sustentar esta visão. Para a cúpula do jihadismo global este tipo de relação está bem patente no 4º versículo da 60ª *Sura*. No tratado “Islão Moderado é Prostração ao Ocidente”, Osama bin Laden aponta este versículo como sendo a pedra angular do relacionamento do Islão com o mundo não-muçulmano.² Em Dezembro de 2002, Ayman al-Zawahiri escreve “Lealdade ao Islão e Repúdio aos seus Inimigos”³ (ou *al-Wala wal-Bara*), de forma a lembrar aos muçulmanos as escolhas que têm que fazer: ou Islão ou os inimigos, não há terceiras alternativas.

“
À resposta sobre se as operações istishhâd seriam suicídio (uma vez que é explicitamente proibido pelas escrituras), os jihadistas respondem que depende da intenção do perpetrador.”

Neste tratado, al-Zawahiri faz um ultimato ideológico – ou estão connosco ou estão contra nós. E, ao repudiar uma larga escala da sociedade muçulmana, cria um sustentáculo para a decisão de excomunhão (*takfir*). Ele dirá que: «*Alá proibiu-nos de ter como amigos e aliados os infieis, e ajudá-los contra os crentes, através da palavra ou ação. Quem faz isso é um infiel como eles*»⁴.

Ao dar uma componente político-pragmática a este preceito e “denunciar” os “inimigos”, procura, de uma forma tosca, forçar o apoio da opinião pública entre os muçulmanos. Lança assim uma dúvida sobre aqueles que criticam as formas da *al-Qaeda* ou do Estado Islâmico. Nas linhas deste tratado está bem patente a importância da lealdade ao Islão e o perigo que a sua negligência representa. O verdadeiro muçulmano deverá lutar para se manter num estado de *Wala*, e apartar o estado *Bara* através do repúdio e da exclusão. Partindo deste princípio, naturalmente que o confronto com o Ocidente se torna inevitável. Daqui todos os outros preceitos defendidos pelo jihadismo se tornam mais urgentes e plausíveis. Por um lado, é a implementação da *Sharia* que permitirá a verificação desta diferença.

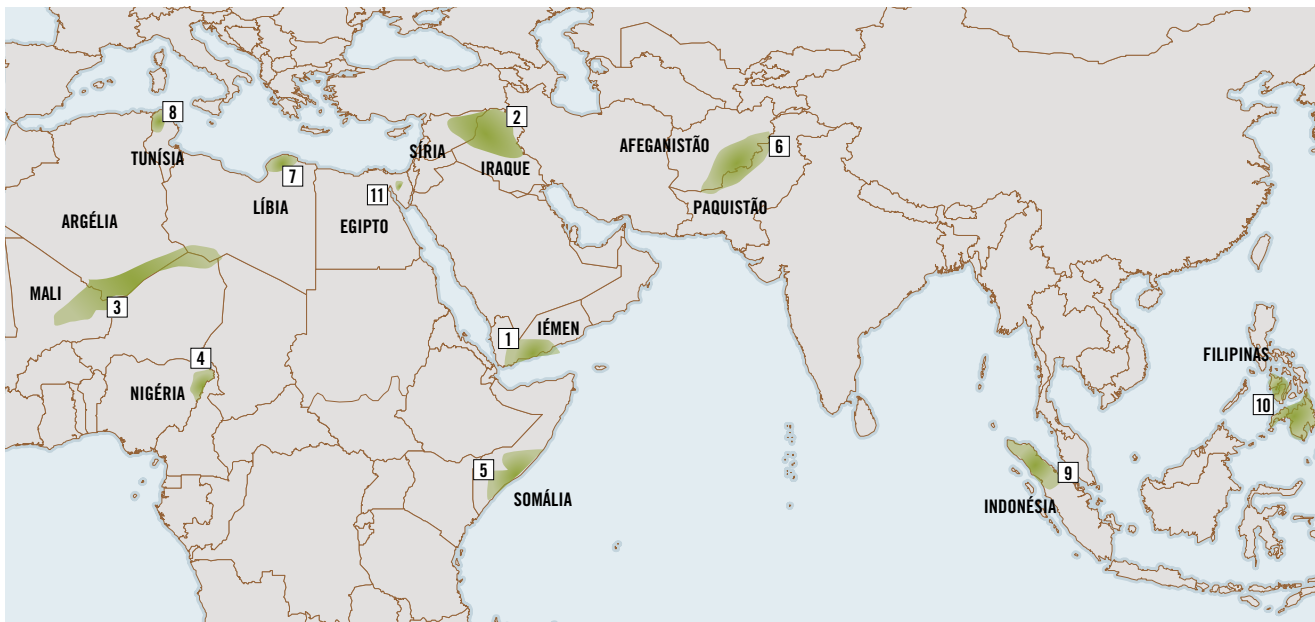
Por outro lado, a *jihad* surge daqui como uma inevitabilidade lógica, pois a relação entre “verdadeiros” muçulmanos e “infieis” é impossível, até à conversão destes últimos. Por isso, o muçulmano digno de *Wala* está obrigado a apoiar, ajudar, financiar e a proteger todo o jihadista, pela questão da lealdade implícita neste conceito.

As operações Istishhâd

Terá sido por influência de al-Zawahiri e do contingente egípcio que o jihadismo global, através da *al-Qaeda*, adopta uma das suas principais características: as ações com bombistas suicidas. Al-Zawahiri já tinha por hábito a legitimação deste tipo de ação na sua luta contra o inimigo egípcio. Porém, convencer bin Laden, um salafista saudita, foi um grande passo, tendo em conta que as escrituras condenam taxativamente o suicídio.

Este género de operações de suicidas (*istishbâd*) era muito comum no Líbano xiita, com o *Hizballab* durante a década de 1980. Contudo, a justificação religiosa deste grupo parte das tradições de martírio comuns ao xiismo, e, como tal, dificilmente seriam adoptadas pelo jihadismo sunita. Porém, o sucesso tático destas operações acabou por influenciar alguns grupos palestinianos, como foi o caso do *Hamas*. Assim, a partir da década de 1990, a propagação deste tipo de ataques pelos grupos palestinianos levou a que o debate se pusesse entre os jihadistas.

À resposta sobre se as operações *istishbâd* seriam suicídio (uma vez que é explicitamente proibido pelas escrituras), os jihadistas respondem que depende da intenção do perpetrador. O mártir é apresentado como sendo a única possibilidade de expiação das humilhações que são infligidas aos muçulmanos por todo o mundo. O poder emocional das operações *istishbâd* é fortíssimo. Neste registo emotivo, citamos bin Laden, que, numa declaração relativa à ação suicida do comando do 11 de Setembro de 2001, dirá:



Localização dos principais grupos Jihadistas.

- 1 Al-Qaeda da península Arábica
- 2 Estado Islâmico e Jabhat al-Nusra
- 3 Al-Qaeda do Magrebe islâmico
- 4 Boko Haram

- 5 Al-Shabaab
- 6 Al-Qaeda central, Taliban do Afeganistão e Tehrik-i-Taliban Pakistan
- 7 Ansar al-Shariah Líbia

- 8 Ansar al-Shariah Tunisia
- 9 Jemaah Islamiah
- 10 Abu Sayef
- 11 Ansar Beit al-Maqdis

*Pelos seus actos próprios, eles deram um grande sinal, demonstrando que foi a crença nos seus corações que os exortou a fazer estas coisas (...) aqueles que ouvimos nos meios de comunicação a dizer que as operações de martírio não deviam ser levadas a cabo, apenas repetem os desejos dos tiranos, a América e os seus agentes*⁵.

À parte esta perspectiva emocional, que adorna a violência com uma dimensão expressiva e emocional, há uma fortíssima componente táctica e estratégica nas operações com *shabeed* (mártires). Mas, antes de abordar esta componente, vale certamente referir dois factores importantes. Em primeiro, os atentados suicidas não são uma característica do Islão: há dados que indicam que mais de 90% deste tipo de ataques ocorre como parte de uma campanha organizada onde estão bem explícitos objectivos políticos⁶. Em segundo, por detrás da retórica *istishbâd* há uma lógica estratégica bem marcante, que tem como objectivo a coerção política.

De setenta e um membros da *al-Qaeda* que levaram a cabo atentados suicidas entre 1995-2003, a maior parte cidadãos de países de maioria sunita, provou-se que a presença militar norte-americana (factor político) foi um impulso maior para a acção que a predicação salafista (factor religioso). Mas note-se que a dimensão religiosa também é importante, sobretudo se for num contexto telúrico e de resistência nacional. Se a isto somarmos a vigência de ataque “religioso” por parte do Ocidente, o impacto emocional e político é fortíssimo. Veja-se o caso de uma carta do jordanó Abu Musab al-Zarqawi, antigo líder da *al-Qaeda* no Iraque (génesis do actual “Estado Islâmico”), a bin Laden, escrita em Fevereiro de 2004:

Os norte-americanos, como todos sabem, entraram no Iraque numa base contratual para criar o Estado do Grande Israel, desde o Nilo

até o Eufrates e que esta Administração americana sionizada acredita que ao acelerar a criação deste grande Estado vai acelerar o surgimento do Messias.⁷

Mais à frente, na mesma carta, aludindo aos ataques *istishbâd*, al-Zarqawi dirá ainda o seguinte: «a nação [islâmica] não pode viver sem o aroma do martírio e a fragrância do perfume do sangue derramado em nome de Deus, e as pessoas não conseguirão sair da sua letargia, a não ser que a conversa sobre o martírio e os mártires preencha seus dias e noites».⁸

Ou seja, os atentados suicidas parecem surgir essencialmente como resposta a uma ocupação estrangeira, e é mais provável que aconteça quando a religião do ocupado difere da do ocupante. Em primeiro, porque a religião traz o medo da possível transformação da sociedade “ocupada”, em segundo, porquanto favorece a demonização do indivíduo e, no extremo, torna mais fácil a justificação da morte de civis. E, por último, permite rotular de “martírio” acções que, à luz do senso comum, seriam lidas como suicídio – uma pura combinação entre um registo místico e operacional.

Al-Zawahiri, cerne do pensamento jihadista global, teve sempre noção do impacto táctico e estratégico das operações *istishbâd*. Aliás, em 2001, no texto “Cavaleiros sob a Bandeira do Profeta”, reconhece a capacidade destrutiva que esta arma tem. Chega a recomendar que os jihadistas se foquem neste tipo de operações –aponta-as como a melhor forma de infligir grandes danos ao oponente, com um reduzido número de baixas jihadistas.

Nos últimos anos, as operações *istishbâd* aumentaram de forma considerável na região do Médio Oriente – nomeadamente na Síria e Iraque – mas não tanto contra as forças ocupantes.

Três factores contribuíram decisivamente para esta condição: 1) a instabilidade e vazio de poder criados pela chamada “Primavera Árabe”; 2) a prominência regional de estruturas associadas à *al-Qaeda*, e sobretudo de outras que dela partiram, como é o caso do Estado Islâmico; 3) a retirada das tropas coligadas do Afeganistão e das tropas norte-americanas do Iraque.

Em suma, no caso do jihadismo, quando falamos de atentados suicidas, não nos referimos a actos irracionais de indivíduos fanáticos. Normalmente são acções fruto de uma decisão racional, instrumental e com um determinado objectivo político. É uma arma que surge pela criatividade estratégica, balizada pelo racional político, que aproveita o ódio primordial pelo ocupante territorial.

Este tipo de ataques provavelmente continuará nos próximos anos, tendo em conta o crescendo de instabilidade em países parasitados pelo jihadismo, que vê nas operações *istishbâd* uma eficácia operacional blindada pela fé. ■

Notas

¹ “Statement Regarding the Merger [with Al-Qaida] and the Salafist Group Swearing Allegiance to Shaykh Usama Bin Laden, may Allah protect him”; cit. Kohlmann, Evan F; “Two Decades of Jihad in Algeria: the GIA, the GSPC, and Al-Qaida”; *The NEFA Foundation*, May 2007; 21.

² Laden, Osama bin; “Moderate Islam is a Prostration to the West”; in Ibrahim, Raymond (coord.); *The Al-Qaeda Reader*; Nova Iorque: Broadway Books, 2007; pp. 22-62.

³ “Loyalty and Enmity: an Inherited Doctrine and a Lost Reality”; disponível em Ibrahim, 2007; pp. 66-115.

⁴ *Idem*, p.

⁵ Declaração áudio feita por Osama bin Laden em Dezembro de 2001; in Ibrahim, 2007; pp. 267-268.

⁶ PAPE, Robert; *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*; Nova Iorque: Random House, 2005.

⁷ Carta de Abu Musab al-Zarqawi a Osama bin Laden, escrita em Fevereiro de 2004 - trad. ing. (disponível em <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/state/31694.htm>).

⁸ *Idem*.